

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Ivna de Sá Roriz de Paula

**PROJETO “EU SOU ASSIM!”: A CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA  
DE AFIRMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL POSITIVA**

Belo Horizonte  
2010

Ivna de Sá Roriz de Paula

**PROJETO “EU SOU ASSIM!”: A CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA  
DE AFIRMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL POSITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Culturas Afro-brasileiras: uma introdução à Lei nº 10.639/03.

Orientadora: Maria José Batista Pinto

Belo Horizonte  
2010

Ivna de Sá Roriz de Paula

**PROJETO “EU SOU ASSIM!”: A CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA  
DE AFIRMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL POSITIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Culturas Afro-brasileiras: uma introdução à Lei nº 10.639/03.

Orientadora: Maria José Batista Pinto

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Maria José Batista Pinto – Faculdade de Educação da UFMG

---

Liliane Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho aos meus alunos que  
são minha razão de estar na Educação  
Infantil.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente agradeço a Deus.

Agradeço à minha família pela compreensão das ausências necessárias.

Aos meus professores, pelos conhecimentos adquiridos e em especial minha orientadora pela paciência e dedicação.

E finalmente aos meus colegas de curso pela convivência e trocas.

## RESUMO

Este trabalho partiu de um problema cotidiano do meu trabalho docente – a construção da identidade numa perspectiva étnico-racial positiva na Educação Infantil.

A partir da análise e reflexão da minha própria prática pedagógica, relacionando-a e problematizando-a com os referenciais conceituais, conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização e cumprimento da Lei Federal 10639/03 construí o Projeto de Ação Pedagógica: “Eu Sou Assim!: A Construção da Identidade na Educação Infantil numa perspectiva de afirmação étnico-racial positiva”.

Esse projeto teve como objetivo criar condições para que os alunos construíssem a identidade através da auto-imagem positiva na perspectiva da consciência de seu pertencimento étnico-racial. Ele foi desenvolvido ao longo do 2º semestre de 2010, por meio de atividades dentro da rotina escolar das crianças e rodas de discussões acerca do tema após leituras de literaturas infantis, reportagens, ou fatos ocorridos em nosso dia a dia.

Um grande acontecimento do projeto foi o “Dia Especial” onde cada criança teve a oportunidade de mostrar um pouquinho de quem ela é e suas preferências para o restante do grupo; outro empreendimento foi a construção de um caderno de registros que contou com a colaboração das famílias em parte de sua confecção.

Os resultados alcançados foram: a construção de uma consciência corporal e identitária mais nítida nos registros das crianças e nas relações interpessoais, como o respeito mútuo na sala, que já fazia parte dos combinados, mas foi intencionalmente incorporado a dimensão étnico-racial ressaltando-se o reconhecimento e respeito à diferença.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, relações étnico-raciais, construção de identidade e respeito.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1.1</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS SUJEITOS</b>	<b>9</b>
<b>1.1.1</b>	<b>MEUS ALUNOS E MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO</b>	<b>18</b>
<b>4.1</b>	<b>IDENTIDADE ÉTNICO RACIAL E AS ORIENTAÇÕES DAS AÇÕES EDUCATIVAS NA SUA CONSTITUIÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>4.2</b>	<b>O DESENHO INFANTIL E A AUTO-IMAGEM</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ATIVIDADES IMPLEMENTADAS</b>	<b>23</b>
<b>6</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>24</b>
<b>7</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>	<b>30</b>
<b>7.1</b>	<b>DESDOBRAMENTO DO TRABALHO NA ESCOLA</b>	<b>31</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b>	<b>32</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>
<b>10</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>35</b>

## 1 - APRESENTAÇÃO

Sou pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e me especializei em Educação Infantil. O presente trabalho é um plano de ação proposto pelo curso de Pós-graduação em História da África e Culturas Afro-brasileiras: uma introdução a lei 10639/2003 – LASEB<sup>1</sup> - UFMG. Este curso é destinado a professores da Rede Municipal de Belo Horizonte em parceria com a UFMG, na qual faço parte do quadro de funcionários atualmente.

Este plano de ação tem como norteador as determinações da Lei 10.639/03 cujas aplicações serão feitas no ensino da Educação Infantil; mais especificamente na UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) CASTELO (bairro Castelo) ; escola na qual trabalho.

Meu cargo é de Educadora Infantil e estou na UMEI há quatro anos, mas atuo na área da Educação Infantil há 14 anos. (ver anexo1)

Além de reflexões produzidas no decorrer de todo o curso de História da África e Culturas Afro-brasileiras, o presente Plano de Ação se propõe a modificar a ação pedagógica intervindo na realidade da escola da minha prática pedagógica cotidiana com os alunos.

O movimento reflexivo de (re)pensar a prática pedagógica à luz da Lei 10639/03 é feito através do olhar com novas lentes colocadas no decorrer das discussões em sala e com os pares, sobre vivências e práticas discriminatórias em sala de aula.

Neste sentido, as razões e princípios orientadores da prática pedagógica foram sendo resignificados e reformulados havendo a descoberta de novas possibilidades do fazer pedagógico.

A implementação da Lei no ensino depende de vontade política, capacidade de monitoramento das ações em curso, socialização de experiências, material de apoio, formação em serviço, suporte pedagógico. Propõe-se uma virada em posições e práticas reducionistas, circunscritas ao terreno do folclore, da credice, da superstição, do não-saber, da não-cultura, para que sejam projetadas ações que passem, necessariamente por dimensões de maior amplitude; como: perceber as implicações , no âmbito escolar, da desconstrução de estereótipos que reforçam uma superioridade branca, européia, na comparação com o negro e sua herança africana.

---

<sup>1</sup> LASEB – Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica

Aceitar discutir o racismo e o preconceito num Brasil “cordial” nem sempre é fácil. O diálogo não acontece com naturalidade. Ele é permeado de tensões, contradições e ranços historicamente arraigados. E o que dizer do nosso conceito de identidade negra? Como explicitá-la, para que essa identidade seja de fato construída?

Cabem ações como o reconhecimento de nossa origem, de nossa ancestralidade, de nossa descendência familiar, dizendo não aos estereótipos. Somos povo brasileiro, culturalmente e historicamente, reconhecido em modo de ser, viver, perceber o mundo, produzir conhecimento, pensar e falar – em grande medida, africanos.

Para atingir satisfatoriamente metas tão urgentes quanto ambiciosas, cabe apropriar-se dos materiais teóricos e metodológicos disponíveis e produzir outros, como o presente plano de ação, para a nova ética que vai reger comportamentos, posturas, atitudes, conhecimentos e convivência, contemplando o direito à diferença e percebendo que a diversidade é valor, é oportunidade de encontros, é riqueza portanto.

Neste sentido é que apresento aqui a minha proposta de trabalho.

### **1.1 - Contextualização da escola e dos sujeitos**

A UMEI CASTELO está situada no bairro Castelo, Belo Horizonte, e tem como escola núcleo a E. M. SANTA TEREZINHA. Foi criada em 2004 a partir da demanda de educação para crianças de 0 -5 anos na região.

A escola está situada em um bairro de classe média-alta com moradores de nível sócio-econômico-cultural mais favorecido e houve uma polêmica causada pela associação de moradores no intuito de não permitir a construção de uma escola pública no bairro. Mas a Prefeitura utilizou de seus critérios para instalá-la no bairro. Um deles foi o uso de um terreno institucional e com metragem e topografia adequados para a construção da escola e o outro, para fins de matrícula, que foi o de considerar o entorno da UMEI num raio de 5km; o que atende ao bairro e aos outros próximos (Vila Paquetá, Alípio de Melo, Ouro Preto, Santa Terezinha, Serrano, dentre outros) cujo público depende mais dessa unidade escolar. Contudo, o público atendido é considerado heterogêneo em relação às condições sócio-econômico-culturais.

A relação entre a comunidade do entorno e a UMEI CASTELO é muito boa e estabelecida com base no respeito mútuo e valorização. O espaço físico da UMEI é constantemente solicitado e cedido aos trabalhos sociais, culturais e religiosos desenvolvidos pela comunidade.

A proposta pedagógica da escola é sócio-interacionista; visto que concebe o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico. Percebe que é através do contato com o seu próprio corpo, com os vários ambientes que frequenta, bem como através de sua interação com outras crianças e adultos as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.

Os princípios que norteiam são o equilíbrio e a sintonia do cuidar e o educar como ações que se complementam. O brincar é a forma privilegiada de expressão, de pensamento e de interação da criança.

A proposta pedagógica da escola é pautada no binômio cuidar / educar e tem como objetivos:

1. Cuidar
2. Desenvolver os aspectos sócio-afetivo, emocional e cognitivo
3. Destacar potencialidades
4. Troca-interação (criança/adulto/criança)
5. Relacionar
6. Resgatar a auto-estima
7. Construir a autonomia
8. Promover o bem estar
9. Estabelecer parceria família-escola
10. Trabalhar as diferenças promovendo a equidade e valorizando a diversidade.

Sendo a Educação Infantil um recorte de idade ideal ao trabalho com Projetos de Trabalho, as educadoras da UMEI CASTELO, têm feito dessa linha didático-pedagógica, orientadora de basicamente todas as atividades desenvolvidas na escola.

A Proposta Pedagógica da escola não incorpora de modo claro as Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-raciais. Há uma clara preocupação com o trabalho das diferenças, mas num sentido muito amplo, que podem ser culturais, regionais, sociais, comportamentais ou clínicos - como no caso das crianças de inclusão.

Há um Projeto Institucional, ou Projeto Global, chamado: Ecologia Integral; que inclui toda a comunidade escolar. Ele entende que na Educação Ambiental, o meio não se limita ao contato do ser humano com a natureza. Inclui a relação com as pessoas, com a cultura, com os costumes, com os conhecimentos. “Nessa perspectiva, fazer educação ambiental é mais do que sensibilizar as pessoas para a preservação de rios,

florestas e animais. É ter como primeiro compromisso a equidade social, o respeito do ser humano pela própria espécie.” (Mansolo, 2005)

Nesse processo de interação com o outro, a criança obtém um acervo de conhecimentos sobre os quais alicerça sua compreensão acerca do meio. Sendo a criança parte integrante deste meio é fundamental que a Educação Infantil, vista enquanto um tempo de formação, valorize atitudes que contribuam para melhorar a qualidade de vida, ampliando o conceito de cuidar.

Assim o cuidar e o educar, na prática da Educação Infantil, estão diretamente ligados ao conceito de Ecologia Integral, que abrange a Ecologia Pessoal, Social e Ambiental, dimensões do ser humano, visto dentro de sua individualidade, com suas potencialidades e limites, dentro das relações com o outro e inserido no meio. Pressupõe assim, reflexão para a ação, para a prática, para a mudança de postura e hábitos do indivíduo em relação a si mesmo, ao outro e ao meio ambiente. Desta forma, a Ecologia Integral é um eixo norteador da prática desta escola que perpassa por todas as áreas de conhecimento, projetos e ações.

O distanciamento e a aproximação do Projeto Institucional escrito e vivido é bem equilibrado. Há projetos de sala que abrangem mais e outros menos, mas todos pautados no princípio do equilíbrio do cuidar e educar.

A escola possui capacidade para 155 alunos por turno, tendo hoje um total de 136 crianças. A área externa é constituída por um parquinho de brinquedos de madeira e outros de metal em espaço gramado, chuveirinho e teatro de arena. Há um pátio coberto entre os blocos de salas de aula, com outro parquinho com brinquedos em plástico e em metal. Esta área também é utilizada como cantinho de artes. Neste pátio há uma passarela coberta que integra as salas do horário parcial (salas 03, 04, 05, 06, 07), a horta e o estacionamento. A área interna é composta pelo bloco administrativo (funcionam coordenação, vice-direção, secretaria, lavanderia, cozinha, refeitório e almoxarifado), o bloco das salas do horário integral (salas 01, 02, berçário, fraldário, lactário, sala multiuso e sala dos educadores). As crianças de 0 a 2 anos, ficam respectivamente no berçário, sala 01 e sala 02, frequentam a escola em horário integral (07:00h às 17:30h) e as demais somente em horário parcial, de acordo com a demanda da família e as possibilidades da escola em colocá-la no período da manhã ou tarde. A organização dos alunos em turmas é feita por faixa etária.

A UMEI CASTELO é formada atualmente por 48 funcionários (vice-diretora, coordenadora, educadores, auxiliares de limpeza, cantineiras, porteiros e estagiários). A

escola funciona em dois turnos de trabalho, mas com funcionários que trabalham o dia todo, outros em horários intermediários e outros no noturno( no caso do vigia e também de trabalhos comunitários que acontecem à noite, como exemplo a catequese). A vice-direção possui uma jornada de trabalho integral e faz a interlocção entre os dois grupos de trabalho, manhã e tarde. Cada turno possui uma coordenadora que auxilia as educadoras em seus projetos, matrizes, atendimento aos pais e crianças, dentre outras funções como cópias das atividades e reuniões.

Atualmente trabalho no turno da tarde com uma turma na faixa etária de cinco-seis anos, localizada na sala 7. É a Turma do Coração.

### **1.1.1 - Meus alunos e minha prática pedagógica**

A Turma do Coração, é composta de 24 crianças. Metade meninos e metade meninas. Acompanho este grupo há três anos. Tenho, no momento, 23 alunos, com a possibilidade de completar até o máximo permitido de 25 alunos. Três alunos são da Casa de Nazaré (um abrigo localizado a alguns quarteirões da UMEI e mantido pela igreja católica que tem ao lado da escola); são crianças retiradas de seu convívio familiar por casos de violência, abandono ou falta de condição para criar o filho. São crianças marcadas por histórias tristes e portanto muitas vezes agressivas e de difícil acesso afetivo, mas por outro lado extremamente carentes que adoram um colinho e um afago.

A maioria das crianças da turma moram na região do entorno da escola com um nível sócio-econômico e cultural médio e algumas outras que moram no bairro Castelo com condições um pouco melhores. Estão em níveis cognitivos diferentes e é normalmente o que ocorre, pois o desenvolvimento infantil depende de muitas variáveis - cronológicas, sociais, e emocionais. Tenho crianças novatas, que nunca estiveram no meio escolar e estão se habituando com toda a dinâmica e rotina da escola.

Meu relacionamento com esta turma é muito bom. Alguns novatos foram introduzidos neste grupo, o que ocasionou uma mudança radical no perfil da turma; a idade e a quantidade de alunos na sala contribuíram também. São muito falantes e por vezes a sala fica muito agitada!

Meus objetivos gerais para o trabalho com esta turma (Turma do Coração) ao longo deste ano foram: desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita;

conhecimento das letras, escrita do nome completo, aquisição de noções matemáticas, conhecimento de numerais, aprimorar o convívio social (respeito ao outro, aos combinados), perceber a importância do cuidado com o outro, consigo mesmo e com a natureza, perceber-se como cidadão sócio-histórico capaz de conduzir com capacidade sua história de vida futura.

Vale ressaltar que o uso de projetos no trabalho com a educação infantil visa uma transdisciplinariedade, que é o tema central do projeto perpassando por todos os conteúdos que devem ser trabalhados. Assim, o trabalho com projetos oportuniza o desenvolvimento da escrita, do pensamento lógico-matemático, do pensamento investigativo – necessários para as ciências, para a linguagem oral, para a criatividade, para as artes e ainda para o desenvolvimento da moral infantil.

Em minha visão, a grande maioria dos alunos são da cor parda, alguns negros e um que pode caracterizar-se como branco. Em sala percebo, agora muito mais com o presente curso de pós-graduação em História da África e culturas afro-brasileiras, como em algumas relações dos alunos existem atitudes que podem ser traduzidas em comportamentos racistas, por cópia de modelos assistidos na mídia ou por convívio familiar. Essas questões me intrigam cada vez mais e me trazem revolta ao ouvir comentários de fundo racista.

Passei então a levar cada vez mais livros para a sala de aula com temáticas raciais importantes, que exaltam as belezas do continente africano e do povo que mora lá, e que tem rastros importante na nossa sociedade, sendo constituidores dos nossos costumes, cultura, ou seja, uma intensa relação com nossa identidade.

Por ser um ano de Copa do Mundo e ser justamente na África do Sul, iniciei o ano com o projeto “Futebol”. O objetivo inicial foi de conhecermos as regras e a importância delas para uma partida de futebol, assim como as regras; os combinados; de sala para o nosso convívio social. O projeto foi tomando as proporções necessárias de acordo com o interesse do grupo e demanda deles. Fizemos combinados, rodas de discussões, atividades de escrita e matemática, desenhos e pinturas. A cada semana eu levei um livro com questões étnicas para a sala. Foram contos, livros de fotos, outros com palavras da região, outros que mostravam alguns costumes e brincadeiras de crianças assim como eles.

Agora as questões do futebol foram superadas e mesmo com esse trabalho percebo diferenças no comportamento dos alunos em relação a manter um combinado essencial em nossa sala: o de que todos devem ser respeitados.

E ainda não foi o suficiente para deixar de ver comentários racistas em sala. A influência da família também é um fato que deve ser explorado nesta disseminação do preconceito. Uma criança que está numa família onde as questões étnico-raciais não são discutidas pode trazer consequências diretas na relação que esta criança faz com a sua imagem e com a imagem de outras – racismo.

Uma criança negra que tem uma fala: “venha, não brinque com ela pois ela é branca, e minha mãe disse para eu nunca confiar em quem é branco” ou o contrário “não vou brincar com você porque você é feia!” (uma criança branca referindo-se a outra com traços característicos de pessoas negras). Estes são apenas demonstrativos do que se passa em sala e que é visível aos nossos olhos de professor. Mas, e no íntimo desta criança, seja ela a ofendida ou a ofensora, como está sendo construída a sua auto-imagem, a sua identidade?

Neste sentido como possibilitar a construção de uma auto-imagem na perspectiva da consciência e afirmação positiva de sua etnia?

Considerando essa leitura da minha prática pedagógica, da percepção e questões que meus alunos e alunas me provocam, proponho uma ação educativa na qual defendo um aprendizado de uma relação étnico racial que valorize a diversidade respeitando as diferenças.

## **2 - OBJETIVO GERAL**

Criar um ambiente educativo em que os alunos estabeleçam relações identitárias de respeito às diferenças étnico-raciais por meio da auto-imagem positiva em relação ao seu pertencimento étnico-racial.

### **2.1 - Objetivos específicos**

- Contribuir para o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva.
- Escolher e analisar materiais didáticos que contemplem as diferentes culturas.
- Organizar o ambiente da sala de aula cuidando das imagens e discursos veiculados, promovendo interações.
- Estimular uma relação de respeito às diferenças entre os alunos.
- Promover interações entre os alunos no sentido de relacionarem-se com a diferença sem preconceito.
- Valorizar as características étnicas das crianças, possibilitando a identificação com a sua cor, a partir do princípio do respeito às diferenças e do fortalecimento da auto-estima.
- Desconstruir estereótipos e preconceitos mostrando a existência de heróis negros na história sociopolítica do Brasil e nas histórias fictícias (literaturas infantis).
- Valorizar as heranças africanas, promovendo discussões sobre etnia, raça e cultura.
- Favorecer a construção da identidade numa perspectiva de valorização da diferença e da diversidade.

## **3 - JUSTIFICATIVA**

O Brasil, apesar de toda a sua história ser marcada pela influência dos negros desde a escravidão, nega essa influência do povo africano em nossa formação, em nossa cultura, em nossos traços físicos, em nosso modo de sentir o mundo, dentre outros; subjulgando-os como inferior ou inexistente. É a ideologia da “democracia racial” que impera no imaginário brasileiro; onde todos somos iguais em direitos numa tentativa de mostrar uma harmonia racial entre negros e brancos; como registra a autora Nilma Lino Gomes (2005, p. 56) :

Todavia, a sociedade brasileira, ao longo do seu processo histórico, político, social e cultural, apesar de toda a violência do racismo e da desigualdade racial, constituiu ideologicamente um discurso que narra a existência de uma harmonia racial entre negros e brancos. Tal discurso consegue desviar o olhar da população e do próprio Estado brasileiro das atrocidades cometidas contra os africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, impedindo-os de agirem de maneira contundente e eficaz na superação do racismo.

O mito de que todos somos iguais é tão falso quanto perverso pois promove o destaque de brancos frente a sociedade com a justificativa de que as oportunidades foram dadas igualmente. “Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar esteriótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial.” (GOMES; Nilma Lino, 2005, p.57).

Cabe à escola o papel fundamental de rompimento desta ideologia. O desafio se torna muito amplo na medida em que nos damos conta das atrocidades cometidas no passado e que ainda estão no presente mas de uma forma velada e igualmente perversa. Saber mais sobre a história e cultura africana e afro-brasileira é fundamental; “(...)superar opiniões preconceituosas sobre os negros , denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, (...)”(GOMES; Nilma Lino, 2005 p.60)

A superação deste estado discriminatório velado está na conscientização dos educadores à luz das orientações da Lei Federal 10.639/03, das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, assim como também num intercâmbio com ONG’s, pessoas ligadas ao Movimento Negro e estudiosos sobre o assunto. A bibliografia sobre a temática tem se estendido bastante e nós, educadores do segmento educação infantil, contamos ainda com uma crescente bibliografia na literatura infantil ligada ao tema étnico-racial.

Através do estudo constante e da abertura para perceber e debater o tema em sala de aula, barreiras podem ser quebradas e grandes avanços serão registrados na educação no tocante ao tema em questão.

É reconhecendo a existência do racismo na nossa sociedade e seu reflexo na sala de aula, assim como, reconhecendo também a importância das lutas e ações implementadas para superá-lo, que justifico e proponho uma ação educativa que trabalhe com a formação identitária do aluno da educação infantil.

#### **4 - REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO**

A exposição a seguir é fruto de escolhas feitas dentre toda a teoria vista durante o curso e também de uma procura feita na própria escola em que leciono, onde assim pude ter o suporte teórico necessário para desenvolver minhas idéias acerca de identidade, identidade negra e o desenvolvimento do desenho infantil.

#### **4.1 - Identidade étnico racial e as orientações das ações educativas na sua constituição**

A identidade é um conceito que abrange duas dimensões: a pessoal e a social. A pessoal é objeto de estudo dos psicólogos interessados em explicar como a pessoa se constrói biopsicologicamente e se realiza a nível individual. A identidade social surge do processo de identificação do indivíduo com aqueles considerados importantes em sua socialização. Logo a identidade social se interrelaciona com a identidade pessoal, assim sendo não existe possibilidade de construção de identidade pessoal desvinculada da identidade social.

O conceito de identidade na perspectiva freudiana é um processo de construção individual e o olhar do sujeito sobre si mesmo torna-o consciente de que possui um eu único. Essa consciência significa um amadurecimento interior, pois assim o indivíduo desde a infância internaliza ordens e proibições na construção do superego, responsável pelo guardar das tradições e valores passados de geração a geração.

Numa perspectiva antropológica Erikson(1997) relaciona a organização social ao desenvolvimento do indivíduo. A construção do sujeito se dá através da reflexão de si mesmo e daqueles que o rodeiam. Neste sentido a construção da identidade não é algo estático e sim plástico e mutável, pois desde criança o indivíduo está inserido em um mundo cultural e essas trocas constantes com o seu grupo fazem-no construir uma consciência de “quem sou”.

Segundo Erikson (1997) os negros sempre foram considerados uma sociedade sem opção e marcados pela cor. Essa idéia foi construída através de muita pressão capitalista de uma hegemonia branca em que os negros acabam muitas vezes introjetando e assumindo uma postura de ‘identidade de renúncia’ assumindo o lugar que lhes foi imposto nesta estrutura social. Essa identidade negativa é fruto de esteriótipos e preconceitos e o autor propõe como solução para uma construção de uma identidade positiva uma “(...) revolução de consciência”(Erikson, 1987, p.297),

superando o massacre cultural, político e econômico. Essa visão também está contida na idéia da democracia racial, explicitada acima no texto.

A identidade não é algo inato e sim uma construção sócio-cultural, sócio-política e histórica em cada sociedade. É marcada pelas práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares. É marcada ainda pelas relações de poder existentes entre os povos. É invocada quando “um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido” (2005 *apud* GOMES; NOVAES, 1993, p. 25).

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Para tal construção se pressupõe interação; do indivíduo consigo mesmo intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros membros de seu grupo, decorrente de sua ação. É obtida através de um constante diálogo. “Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário, e por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra.” (GOMES; Nilma Lino, 2005, p. 42)

As múltiplas e distintas identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, de raça, etc; constituem os sujeitos, na medida em que esses são cercados de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Diz respeito ao pertencimento social de cada sujeito. Não é simples ou estável, pois o sujeito pode assumir as múltiplas identidades que dependem dos grupos que ele pertence em momentos diferenciados. Esses grupos exigem dele, ao mesmo tempo: lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Assim esse mesmo sujeito pode assumir papéis que lhe convém em determinados momentos. “Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso, as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural.” (2005 *apud* GOMES; Louro, 1999)

Assim como em outros processos identitários, a identidade negra também se constrói gradativamente, desde as primeiras relações interpessoais e sociais, com todas as sanções e afetividades - a família. É nela, que geralmente as ramificações e desdobramentos das futuras relações se iniciam.

Construir uma identidade negra positiva numa sociedade que reafirma historicamente que é necessário negar-se para ser aceito, é um desafio muito grande enfrentado pelos negros brasileiros de hoje. Será que a comunidade escolar está atenta e preparada para lidar com essa realidade?

Sendo a construção da identidade entendida como um processo contínuo, é necessário entender que também a identidade negra é um processo contínuo e que

inicia-se também desde a infância e a escola tem o papel de ser o facilitador desta construção positiva; “a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como as outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma.” (GOMES, Nilma Lino, 2005, p. 44)

Num mundo cercado de imagem, onde a mídia dita o que é belo e correto, onde não importa o que pensa ou faz uma determinada pessoa e sim o que a estética dela diz ao outro, a missão de uma construção de identidade positiva fica bem mais difícil.

Na infância, os órgãos responsáveis pela socialização do indivíduo são a escola e a família, daí a importância do intercâmbio entre esses dois modos de educação. É através das identificações que a criança percebe-se como parte integrante desse mundo social específico e conforme o modo como são tratadas pelos outros pertencentes deste mundo dela é que sua auto-imagem vai sendo construída. Esta auto-imagem pode ser uma representação positiva ou negativa. Uma identidade construída a partir de uma auto-imagem negativa tem como consequência uma auto-estima fragmentada e um enfraquecimento de uma identidade negra positiva.

A criança convive num mundo cercado por inúmeros grupos sociais; família, escola, vizinhos e outros. Nestes vários círculos de convivência sua auto-imagem vai sendo formada. Nilma Lino Gomes (1995,p.87) destaca:

A criança, em idade bastante precoce, inicia sua aprendizagem de hábitos, usos, costumes, valores, papéis sociais e de gênero, atitudes e, sobretudo uma modalidade de língua materna, além de desenvolver as bases da personalidade e da identidade. Tudo isso acontece no interior do grupo doméstico, e quase sempre já está bastante estabelecido antes de principiar sua vida escolar.

A autora alerta que tais atribuições estão interligadas não apenas no âmbito familiar, mas com as mais variadas formas de socialização em que a criança está inserida, e uma delas é a instituição escolar. Momento este que a criança inicia sua convivência com a formação de novos laços afetivos e sociais fora da família.

A escola é um espaço de convivência humana e como tal aparecem os conflitos existentes em outras esferas sociais também. O preconceito étnico-racial também aparece. É função da escola combatê-lo de forma a construir outra visão e ampliar os conceitos existentes acerca das etnias e das relações interpessoais.

E desta forma torna-se primordial um trabalho de construção de identidade na Educação Infantil, com a parceria da família.

O respeito mútuo assim como as questões étnico-raciais devem permear todo o fazer pedagógico da escola constantemente.

É importante que a temática das relações étnico-raciais esteja contida nos projetos pedagógicos das instituições, evitando-se práticas localizadas em determinadas fases do ano como maio, abril, agosto, novembro. Estar inserido na proposta pedagógica da escola significa que o tema será trabalhado permanentemente e nessa perspectiva é possível criar condições para que não mais ocorram intervenções meramente pontuais, para resolver problemas que surgem no dia a dia relacionados ao racismo. Aos poucos, o respeito à diversidade será um princípio das instituições e de todas as pessoas que nela atuam.”(ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, 2006, p.166)

Assim, podemos pensar no futuro em sujeitos que consigam conviver harmoniosamente uns com os outros, respeitando as diferenças sócio-econômicas, de gênero, raça, de opção religiosa, sexual, dentre outras.

A Lei Federal 10.639/03 torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas. Colocar a Lei em movimento, em sala de aula, de forma interdisciplinar, significa buscar compreender as concepções que foram constituídas e estigmatizadas ao longo de nossa construção histórica, como sociedade. Significa desconstruir imagens concretizadas por uma maioria ariana e poderosa e reafirmar as identidades individuais, de um grupo ou de uma raça; que sempre foi subjulgada e menosprezada potencialmente.

Ainda no que se refere a essa Lei, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana (2005, p.14) que emergiram de sua implementação, nos apresenta três grandes princípios para guiar as ações educativas na perspectiva étnico racial “(...) a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para a construção de uma sociedade justa, igual, equânime.”

É a partir desse referencial que nasce o nosso projeto: “ Eu sou assim!” numa tentativa de construção de uma identidade étnica com auto-imagem positiva e num cumprimento das determinações da Lei Federal 10.639/03.

## **4.2 - O desenho infantil e a auto-imagem**

O desenho é a primeira manifestação da escrita humana e continua sendo a primeira forma de expressão usada pela criança. Através do desenho, a criança lê o mundo, enxerga a vida e expressa o que sente.

Em nossas atividades diárias registramos sempre o auto-retrato para acompanhar o desenvolvimento infantil do desenho e dos esquemas de pensamento em que a criança está e é comum ver crianças negras fazerem seus auto-retratos como se fossem princesas de contos de fadas clássicos, com todos os traços de pessoas da raça branca; raramente realizam registros corporais como se vêm no espelho.

Isso é característico da idade, que na teoria construtivista foi explicado como realismo intelectual, que é uma das fases do desenvolvimento do desenho infantil, onde a criança já superou as fases anteriores. O realismo fortuito (2 a 3 anos e meio) em que a criança rabisca e faz garatujas sem uma intenção anterior; o realismo gorado (3 anos e meio a 4 anos e meio), fase caracterizada pela incapacidade sintética demonstrada pela criança, a figura humana é um dos modelos predominantes e representada pela cabeça ligada aos braços e pernas, mas sem o tronco. No realismo intelectual, a criança já superou as fases anteriores mas apresenta, essencialmente, os atributos do modelo, não havendo preocupação com perspectivas visuais.

Em parte esta teoria explica os registros destas crianças, mas o desenho consiste na imitação do real. Consequentemente, desenvolver a capacidade de observação dos objetos e da natureza é uma maneira de favorecê-lo

Segundo as Diretrizes Metodológicas para a Educação Infantil: “O desenho da criança será uma cópia da realidade tanto mais fiel quanto mais ricas forem as experiências vivenciadas por ela”. Assim sendo propiciar que a criança vivencie vários tipos de histórias, que visualize vários tipos de imagens favorecerá com certeza o desenvolvimento de sua auto-imagem e da consciência das suas características pessoais, que no momento são físicas, visuais, mas que mais tarde serão suas posturas individuais enquanto cidadão, ser político e social.

## **5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ATIVIDADES IMPLEMENTADAS**

Toda a Turma do Coração foi envolvida neste projeto, pois o objetivo visou a valorização das crianças neste processo de construção da identidade e o respeito mútuo entre todas.

Utilizamos livros da literatura infantil provenientes dos kits literários da Prefeitura de Belo Horizonte, a fim de promover um envolvimento dos alunos nas discussões acerca dos temas tratados nas histórias.

O trabalho de discussão também foi feito o tempo todo com reportagens e imagens como: fotos; resultando em um diálogo sobre o tema étnico-racial. Nossas discussões foram feitas sempre na roda.

A cada dia uma criança foi sorteada para ter o seu “Dia Especial” (ver anexo 2). Neste dia ela teve a oportunidade de mostrar aos colegas tudo o que é de seu pertencimento, de suas origens, e preferências pessoais; como: fotos, histórias, música, objetos de sua história pessoal. As crianças preparavam tudo o que desejavam trazer para a roda do dia, com a família.

Em sala realizamos atividades que continham um pouco de ‘quem sou eu’; como: meu tamanho, tamanho do meu pé, da minha mão, minha cor, minhas preferências em amizades, como eu era quando pequeno, e agora como eu sou, etc.

Em casa, as famílias também realizaram algumas tarefas para trazer para a escola; além de preparar com os filhos os pertences para levar no “dia especial”; como: quem são meus pais, meus avós, como eu era quando nasci, como eu me relaciono com as pessoas no âmbito família, etc; com fotos e registros em folhas dadas por mim com esses respectivos títulos.

Ao final deste projeto: “EU SOU ASSIM!” confeccionamos um livro pessoal para cada criança com as fotos desse processo, com os trabalhos realizados e todas as produções registradas, foi um registro de muito significado para eles.

O título do projeto surgiu como uma ênfase na afirmação pessoal de cada um, numa tentativa de mostrar ao outro como ‘eu sou’, tudo o que constitui o ‘meu ser’, ‘minha identidade’.

## **6 – CRONOGRAMA**

### **SETEMBRO:**

Nº de aulas	Conteúdo	Objetivos	Atividades	Material didático	Avaliação
01	Diversidade Respeito à diferença.	Promover uma discussão sobre o tema tratado no livro; a diversidade	Leitura do livro na roda. Discussão com as crianças. Reconto feito pelos alunos. Registro com desenho da história contada.	Livro de literatura infantil: <u>Diversidade</u> – Tatiana Belinky	As crianças gostaram da história, participaram da discussão dando opiniões sobre os vários tipos de pessoa e fizeram registros muito interessantes.
01	Vida cotidiana de outro povo. Imagem étnico- racial positiva.	Mostrar como é a vida de uma criança negra que mora em uma aldeia no Quênia. Mostrar um pouco da vida cotidiana, dos animais e da cultura do local africano. Refletir como é a nossa vida e costumes, se há diferenças ou não.	Leitura e discussão do livro.	Livro de literatura infantil: <u>As panquecas de Mama Panya</u> – Mary e Rich Chamberlin	As crianças gostaram muito da história, comentaram sobre as panquecas, sobre o local, sobre as roupas, sobre a vida no logarejo e viram que é um cotidiano muito parecido com o de qualquer criança daqui.
01	Imagem étnico- racial positiva	Perceber pessoas negras como imagens positivas de destaque, relacioná-las com pessoas cotidianas. Perceber como o nosso povo brasileiro é constituído, das várias misturas advindos dos negros.	Recorte em jornais e revistas da sala e montagem coletiva na roda do painel: “Nosso povo”	Revistas e jornais.	Todos se empolgaram e encontraram rostos conhecidos e não conhecidos na mídia. Eles apreciaram muito este tipo de atividade.
01	Identidade negra	Fazer com que as crianças percebam que suas características físicas são advindas da família.	Leitura de história infantil. Registro através de desenho de todas as pessoas da sua família.	Livro: <u>Menina Bonita do Laço de Fita</u> – Ana Maria Machado.	Todos demonstraram muita satisfação ao ouvir a história e registraram as pessoas mais próximas da família.

01	Percepção do seu pertencimento étnico.	Perceber com quem o aluno se parece no meio familiar.	Atividade escrita dirigida. Qual é a sua cor? Com quem você mais se parece?	Folha de papel, cópia de matriz.	As crianças registraram com desenho, mas ao colorir não estavam muito preocupadas com a cor, pois havia desenhos com o rosto azul, verde, amarelo e rosa. Havia registros com a cor marrom, mas não dá para avaliar que se tenha sido coincidência ou consciência da identidade negra.
----	--	---	---	----------------------------------	--

### OUTUBRO:

Nº de aulas	Conteúdo	Objetivos	Atividades	Material didático	Avaliação
01	Interação família-escola	Promover um envolvimento da família no projeto e nas percepções da consciência de seu pertencimento	Folhas copiadas para as famílias responderem e retornarem para a escola.	Folhas de papel, atividades em cópia de matriz.	Quase todos os pais devolveram todas as folhas devidamente resopndidas. Apenas uma

		étnico-racial.	Títulos das folhas: eu sou (...), tenho (...) anos, eu moro (...); meus pais; esses são os meus avós; quando eu nasci eu era assim; quando tinha um ano; quando tinha dois... até a folha de agora eu sou assim; esta é a minha história preferida, ah! E essa é a minha música:.		família não devolveu e outra com folhas faltando. Todos capricharam e comentaram o quanto foi bom fazer essa atividade em casa com o filho. Colocaram seus registros com riqueza de fotos e as que não havia foto, as crianças registraram do jeito delas.
22	Valorização do aluno. Socialização.	Promover a valorização individual. Permitir que a criança compartilhe com os demais um pouquinho da sua maneira de ser e suas preferências.	“Dia Especial”. Roda para mostrar tudo o que trouxe para os colegas, socializar seus brinquedos e materiais como fotos, dvd’s e cd’s. Esta criança é o ajudante do dia. Registro escrito e com desenho de como foi o seu dia especial.	Folha de papel. Máquina fotográfica.	As crianças participaram com muita empolgação e as famílias colaboraram com os materiais enviados.
	01	Percepção da auto-imagem. Desenvolvimento do desenho da figura humana.	Ida ao espelho. Observação de si. Registro com desenho da sua imagem.	Espelho da sala. Papel e lápis de cor.	Eles se observaram; alguns timidamente, outros contemplando-se com muita graça. Os registros foram feitos com pouca preocupação de serem fiéis à imagem, atentaram-se por poucos detalhes, como um cabelo arrepiado, ou um cabelo

					comprido, ou
01	Sensibilização	Sensibilizar os alunos a conhecer o outro através do toque.	Cada um escolhe um par e através do toque vai percebendo como é o colega. depois cada um faz o registro, através de desenho, do colega.	Papel e lápis de cor.	Esta atividade permitiu o toque, a quebra de barreiras de se fazer um carinho no colega, perceber como é seu cabelo, sua pele e ver e sentir o que é diferente dele ou não. todos gostaram, mesmo os mais tímidos.
01	Imagens positivas da África,	Possibilitar através da observação um outro olhar sobre as crianças africanas e comparar a vida cotidiana com a nossa brasileira.	Leitura e roda de discussão.	Livro de fotos: Crianças – olhar a África e ver o Brasil – Pierre Verger	O livro mostra imagens ricas do cotidiano, cultura, brincadeiras, religião e outros temas das crianças no Continente africano e mostra num mapa a visualização do local. Eles adoraram e participaram da roda o tempo todo.

### NOVEMBRO:

Nº de aulas	Conteúdo	Objetivos	Atividades	Material didático.	Avaliação
03	Imagem étnico-racial	Permitir uma percepção de	Leituras e discussões	Livros de literatura	Todas as rodas de história

	positiva	outro como diferente e desenvolver a noção de respeito às diferenças		infantil	foram cercadas de muita alegria e satisfação. E a admiração pela identidade negra foi sendo crescente.
01	Artes e esquema corporal.	Auxiliar a criança em seu processo de construção identitária, de consciência do esquema corporal e da identidade negra pertencente.	Modelagem em massinha com várias combinações de cor de pele. Cada um escolheu o seu.	Massinha de modelar de diversas cores, tampinha de lata de leite.	As crianças estão mais conscientosas de seu pertencimento étnico e pensaram bem antes de escolher a cor que melhor representasse a sua pele. As modelagens ficaram lindas.
01	Consciência Negra	Saber o que significa o Dia da Consciência Negra, permitir uma visualização de todo o nosso trabalho para os membros da escola apreciarem. Desenvolvimento do desenho e percepção da figura humana.	Roda de discussão sobre o dia. Leitura dos materiais que alguns pais trouxeram para a escola neste dia. Atividade escrita de registro do Dia da Consciência Negra.	Textos, fotos e revistas sobre o assunto. Atividade de cópia de matriz . exposição dos trabalhos.	As crianças ao serem indagadas sobre o significado do dia foram logo dizendo palavras que traduziam todo um trabalho deste projeto positivamente. Fiquei muito feliz ao ouvir palavras como dia para não ter

					preconceito. Foi um sinal que uma sementinha tinha sido plantada por ali.
--	--	--	--	--	---

- Término do projeto.
- Revelação das fotos.
- Encadernação dos livros.

## 7 - AVALIAÇÃO

O Projeto “Eu sou assim!” foi de fundamental importância para este grupo de crianças. A maneira das crianças de se relacionarem com o tema e as relações

interpessoais melhoraram. Os registros foram ficando mais conscientiosos e fidedígnos de acordo com o pertencimento racial de cada um. O respeito ao “Dia Especial” do outro e a euforia de dono do dia eram vistos estampados no rostos de cada um e o trabalho final ficou maravilhoso.

A participação por parte dos alunos foi tranquila, demonstraram interesse pelo tema e pelas questões tratadas. As relações interpessoais foram melhorando a medida em que discutíamos os temas dos livros, as definições sobre si próprio e a tranquilidade em falar “eu sou negra como a menina do livro” ou “a Ellen se parece com a menina bonita do livro!”

Houve um ‘Dia Especial’ esquecido e era bem o da “K” – criança do abrigo, negra, com histórico de abandono familiar e dita como não bem quista para ser adotada por já ter cinco anos e com uma carência afetiva muito grande. Os adultos responsáveis pela Casa de Nazaré não organizaram com a criança os materiais necessários para ela trazer para a escola. Diante disso tudo, fui com ela até a nossa brinquedoteca e pedi que escolhesse os brinquedos que ela mais gostava de brincar ali. Ela escolheu um carrinho de supermercado, um bebê pequeno e um fantoche de uma boneca negra. Levamos para a roda, colocamos no meu saco-surpresa e fizemos o maior suspense sobre o que poderia ser que estivesse ali dentro, cada um teve que dar o seu palpite. Ao final e mostrado tudo, cada um pode manusear a boneca e foi muito positivo ver o rostinho de satisfação dela naquele dia.

Quase todos os pais retornaram com as folhas devidamente preenchidas, somente uma família não devolveu e outra ‘família’ disse que não teria como preencher pois a história de vida daquela criança era impossível de ser registrada, que foi a criança citada acima. Nesse sentido, esse trabalho envolveu as famílias e no caso das crianças em situação de abrigo, constituiu-se um desafio maior pois, esse envolvimento dos adultos que trabalham no abrigo não é fixo, visto que depende de um trabalho voluntário e a rotatividade de pessoal neste local é constante.

Contudo a escolha metodológica é relevante no sentido envolver a família, visto que são crianças nesta fase estão mais inseridas nestas duas esferas sociais: família e escola, que constituem portanto os dois principais espaços de formação. Tratando-se da questão étnico-racial esse é um caminho importante porque as crianças estão educando-se por meio das relações cotidianas estabelecidas nesses espaços.

## **7.1 - Desdobramento do trabalho na escola**

Na semana da Consciência Negra, via-se pela escola professores levando para a salas livros infantis para serem lidos nas turmas e na Turma do Coração o trabalho já estava sendo construído a tão mais tempo, que com tranquilidade eles falavam de preconceito, respeito e registravam as histórias com mais consciência do que faziam. Foi a primeira vez que a escola comemorou o dia da Consciência Negra. Todas as salas se envolveram com a temática e fizeram produções que refletiam uma boa discussão sobre o significado e importância do dia. Houve uma exposição de trabalhos para os pais e as refeições nesta semana tinham um propósito de proporcionar às crianças ingredientes e comidas de tradição africana; como bolo de milho, café com leite e arroz doce. A culinária do bolo de milho foi feita juntamente com todas as crianças da escola, elas puderam ver e participar da confecção do bolo neste dia.

Foi um trabalho que abrangeu a família e possibilitou, mesmo que breve, uma reflexão sobre alguns temas tratados na medida que as discussões de sala chegavam em casa da maneira das crianças de falar, ou à medida que as atividades de preparar as páginas do livro ou pensar junto com o filho o que levar em seu “dia especial”.

Possibilitou a mim um crescimento e uma amplitude em minhas reflexões e pensamentos, sobre minha postura pedagógica e postura de vida frente às dificuldades em relação à discriminação racial, preconceitos e formação da identidade das crianças.

## **8 - CONSIDERAÇÕES**

Os indícios de racismo e de discriminação aos negros estão presentes na sociedade e, conseqüentemente, na escola, que tem como um de seus papéis, promover

a transformação de um povo, de modo mais democrático e comprometido, estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças existentes entre os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, valorizando o ser humano.

Nesse espaço é possível viabilizar a reeducação das relações sociais e étnicas, sendo necessárias estratégias pedagógicas de combate ao racismo e a discriminação.

A educação tem, portanto, um papel salutar no trabalho das Ações Afirmativas. Nesse sentido é de suma importância que os trabalhos e projetos étnico-raciais sejam iniciados desde a Educação Infantil, com o objetivo de se valorizar a história do negro e sua identidade cultural, promovendo a reeducação das relações étnico-raciais de todos: negros e não negros.

A consciência de que o trabalho de acordo com as recomendações da Lei 10.639/03 é importante, deve ser imediato nas escolas e de forma contínua, durante todo o ano, permeando as outras disciplinas a serem trabalhadas e sempre as relações interpessoais entre os alunos e outros da comunidade escolar.

É importante uma constante vigília de posturas, de formas de expressão e de mensagens no âmbito escolar que veladamente subentendam-se em comportamentos racistas. A mudança de postura e esclarecimento sobre as questões étnicas deve ser feito com todas as pessoas que circulam na escola e que de uma forma ou de outra educam a seu modo com intencionalidade ou não.

A construção da identidade infantil passa por todos esses meandros, pois constrói-se uma identidade nas relações interpessoais de família e na comunidade escolar, por isso o cuidado com as ações educativas dentro da escola além da sala de aula, esses são desafios que deveremos, enquanto educadores, vencer à luz da Lei 10639/03, num caminho para a construção de identidades positivas no tocante ao pertencimento étnico de cada um.

## **9. REFERÊNCIAS**

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e**

**Africana - Lei 10639/03.**CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial de União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1. p.11

BRASIL-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília, SECAD,2006.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 132p.; – (Coleção GRIÔ/Textos;4)

GOMES, Nilma Lino. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.236p.(Coleção Educação para todos)

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto:** o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

MUNANGA, Kabengele/ GOMES, Nilma Lino. **Para entender o Negro no Brasil de Hoje: Histórias, Realidades, Problemas e Caminhos.:** Ação Educativa, 2004.

NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS. **Os Negros, os Conteúdos Escolares e a Diversidade Cultural II.** Série Pensamento Negro em Educação; Florianópolis, Atilênde, 2002.

BARBOSA, Rogério Andrade. **O filho do vento;** ilustrações: Graça Lima. – São Paulo: DCL, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Uma gota de mágica;** ilustrações : Claudius. São Paulo: Moderna, 1988.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita.** São Paulo: Ática, 1987.

WERNECK, Cláudia. **Um amigo diferente?;** ilustrções: Ana Paula, Rio de Janeiro: WVA, 1996.

SHURAVEL, May. **Cadê Maricota?** – 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006. – (coleção Ciranda dos Bichos)

HALEY, Gail E. **O baú de Histórias: um conto africano.** – 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CIANNI, Solange. **Doce Princesa Negra;** ilustrações de Felipe Massa Fera. Brasília: LGE, 2006.

FILHO, Antônio J. D.; HONORA, Márcia. **Africanidades.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

CHAMBERLLIN, Mary e Rich. **As panquecas de Mama Panya.** São Paulo: SM, 2005. – ( Cantos do Mundo)

BELINKY, Tatiana. **Diversidade;** São Paulo: Quinteto Editorial, 1999

VERGER, Pierre. **Crianças, Olhar a África e ver o Brasil;** organização:Raul Lody. – 1 ed. – São Paulo: CompanhiaEditora Nacional, 2005.

RUMFORD, James. **Chuva de manga.** São Paulo: Brinque-Book, 2005.

LALAU. **Uma cor, duas cores, todas elas.** São Paulo:Companhia das Letrinhas, 1997

ROSA, Sônia. **O menino Nito -:então, homem chora ou não?** Rio de Janeiro: Pallas,2002

SISTEMA FIEMG. **Diretrizes metodológicas para a Educação Infantil.** [s.n.d.]

## **10. ANEXOS:**

### **Anexo 1**

## **Memorial**

**Ivna de Sá Roriz de Paula**

### **ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA ÁFRICA**

Iniciei meu curso de Pedagogia na FaE – UFMG em Agosto de 1994. Quando eu estava no 2º período do curso fui selecionada para trabalhar como estagiária na creche da UFMG – CDC (Centro de Desenvolvimento da Criança)- UFMG. E foi lá que todo o meu encantamento e paixão pela Educação Infantil começou.

Trabalhei inicialmente no Berçário como estagiária por um ano e meio e logo passei em uma seleção para o cargo de Assistente de Educação Infantil, passando a fazer parte do quadro de funcionários da escola. Continuei no Berçário por mais quatro anos e foi um período em que trabalhei com todas as faixas etárias, de quatro a dezoito meses, em salinhas diferentes. Procurei estudar bastante o desenvolvimento infantil.

No ano de 1999 houve um concurso interno para o cargo de professora e fui classificada em segundo lugar. Em 2000, iniciei como professora no então chamado Jardim (1º, 2º e 3º períodos). Trabalhei com todos os períodos e pude desenvolver vários projetos com as crianças. Aprendi muito com cada faixa etária, todas as especificidades pedagógicas e psicológicas.

Neste período desenvolvi vários projetos com as crianças, dos quais um foi com a parceria do professor Cláudio Scliar do Departamento de Geologia, que envolveu seus alunos do curso da graduação e me auxiliaram para enriquecer ainda mais o projeto “Pedras”, com a turma do 2º período. Logo depois, publiquei este projeto em forma de artigo na revista Criança do MEC.

Também publiquei outros projetos como: “Varal de Histórias”, que ganhou o terceiro lugar no concurso do SESC-MINAS GERAIS (projeto desenvolvido com a turma de 1º período); e o artigo: “A formação no curso de Pedagogia da FaE/UFMG e a experiência de trabalho: entrevistas com alunos que trabalham em empresas” na Revista Trabalho e Educação em Perspectiva – NETE/FaE/UFMG (trabalho desenvolvido durante o curso de Pedagogia).

Em 2005 fui trabalhar com o Maternal em uma turma de dois/três anos e fiquei até 2007 com o fechamento da escola.

Foram anos de muito aprendizado advindos de muito estudo na faculdade e por conta própria, por causa dos desafios encontrados em sala de aula e também o aprendizado proporcionado pela prática do dia a dia.

Em 2006 houve o concurso da Prefeitura de Belo Horizonte para o cargo de Educador Infantil e fui selecionada. Inicialmente fui lotada na UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) Vila Marçola – Padre Tarcísio; no bairro Serra. Nesta UMEI trabalhei no Berçário por já possuir uma experiência com esta faixa etária. Foi um ano de trabalho muito gratificante, pois a comunidade estava tão contente com a realização de um sonho deles naquela região.

Por causa de uma gravidez de alto risco e um difícil acesso à UMEI Padre Tarcísio solicitei transferência para a UMEI Castelo; localizada próxima à minha casa.

Apesar de eu não ter feito uma pós graduação antes, visto que formei em 1998, sempre estive envolvida com cursos, palestras e livros que me proporcionassem um estudo constante a respeito do meu trabalho pedagógico diário.

Constantemente nós educadores enfrentamos situações em que nos perguntamos o porquê de alguns fatos acontecerem de certas maneiras e basta analisar a situação sócio-econômica e as relações sociais em que estão inseridas essas famílias que começamos a compreender. Basta analisar o que a mídia dita que é o belo e o que é o certo. Percebemos muitas vezes o racismo disfarçado em suas muitas sutis facetas, quando por exemplo, um aluno reluta em dar as mãos a uma professora que é branca, pois em casa é dito para ele que “não se deve confiar em pessoas brancas”, ou quando um colega não assenta-se perto do outro por ele ser da cor parda ou negra.

Fazer este curso de pós-graduação em História da África e Culturas Afro-brasileiras me auxiliou nesta busca de entendimento destes meandros todos que tem as questões étnico-raciais e me deu mais clareza nas atitudes que sempre temos que tomar enquanto educadores nessas indisposições. Estudar História da África é infinitamente mais que entender o racismo, acredito que é perceber o quão foi vaga a nossa formação em relação a esse continente, que foi tão explorado pelo Ocidente e que está tão próximo de nós brasileiros; descendentes de africanos. Estudar a História da África é ter a possibilidade de não repetir e reafirmar como verdade somente o ponto de vista de um Ocidente majoritário no mundo econômico político e social.

Esta pós-graduação vai de encontro com minhas escolhas na área de educação e com minha atuação em sala de aula. Em um outro projeto desenvolvido por mim com outra turma: projeto “Era uma vez...” fizemos rodas de leitura e depois discutimos a

respeito dos livros e sempre levei para as nossas rodinhas, histórias que tratassem a respeito do tema preconceito, histórias onde as personagens são negros. É importante abrir discussões para ouvir as crianças e cada uma traz consigo o seu olhar e a sua história a respeito dos assuntos tratados nos livros.

Agora, tendo feito algumas disciplinas no curso de História da África, as discussões ampliaram-se. A cada aula, a cada texto lido percebo as riquezas deste continente e as atrocidades cometidas pelo mundo ocidental. Em sala percebo mais como as relações dos alunos podem ser traduzidas em comportamentos racistas em alguns casos, ou em cópia de modelos assistido na televisão ou com modelos de famílias.

Essas questões me intrigam cada vez mais e trazem revolta ouvir comentários de fundo racista.

Tenho levado livros cada vez mais para a sala de aula com temáticas raciais importantes, que exaltem as belezas deste continente e do povo que mora lá, seus costumes e compará-los com os nossos. As crianças estão adorando.

Por ser um ano de Copa do Mundo e ser justamente na África do Sul, iniciei o ano com o projeto “Futebol”. O objetivo inicial foi de conhecermos as regras e a importância delas para uma partida de futebol, assim como as regras; os combinados; de sala para o nosso convívio social. O projeto foi tomando as proporções necessárias de acordo com o interesse do grupo e demanda deles. Fizemos combinados, rodas de discussões, atividades de escrita e matemática, desenhos e pinturas. A cada semana eu levei um livro com questões étnicas para a sala. Foram contos, livros de fotos, outros com palavras da região, outros que mostravam alguns costumes e brincadeiras de crianças assim como eles. Todos adoraram. Agora as questões do futebol foram superadas e fico mais com a parte das histórias, mas sem muito saber como dar um rumo ao trabalho e com a sensação de que já trabalhei o mínimo necessário ou o suficiente para manter um combinado essencial em nossa sala o de que todos devem ser respeitados.

Com o passar do curso de pós-graduação e atentando às questões identitárias negras pensei em construir um projeto de identidade na turma em que estou deste ano, no segundo semestre. E nasceu o projeto: “EU SOU ASSIM!”; com o objetivo de dar conta, um pouco, da construção positiva da identidade como um todo e da identidade negra, visto que ambas nascem nas relações que desde pequenos vamos construindo.

Nada mais propício que o momento da vida escolar em que os meus alunos estão – Educação Infantil. E foi um grande prazer trabalhar nesta construção ao lado deles.

## Anexo 2

### CRONOGRAMA DO “DIA ESPECIAL”

DATA	NOME DO ALUNO
29/09/2010	JOSÉ ALVARO
01/10/2010	GABRIELLY
04/10/2010	GABRIEL
06/10/2010	LUCAS
08/10/2010	MARIA FERNANDA
18/10/2010	MARIA EDUARDA F.
20/10/2010	JÚLIA KELLY
22/10/2010	ARTHUR
27/10/2010	CARLOS HENRIQUE
29/10/2010	ELLEN
03/11/2010	GIOVANNA
04/11/2010	MATHEUS
05/11/2010	YURI
08/11/2010	MARIA EDUARDA S.
09/11/2010	YGOR
10/11/2010	YASMIN
11/11/2010	RAUAN
12/11/2010	JÚLIA B.
16/11/2010	BRENNER
17/11/2010	KAMILE
18/11/2010	JENIFER
19/11/2010	ENZO
22/11/2010	DANIELLE

**Anexo 3** – Registro de acordo com o livro: **Menina Bonita do Laço de Fita** – Ana Maria Machado.



**Anexo 4 – ATIVIDADE: Espelho, espelho meu...**



**Anexo 5 – Atividade “ Dia da Consciência Negra”**

